

PRIMAVERA BRANCA

Bougainvillea glabra Choisy var. *alba* n. var.

J. E. Teixeira Mendes e A. P. Viégas

As bougainvilleas (1) (2) (8) comumente conhecidas em S. Paulo pelos nomes de *Primavera* ou *Três-Marias* acham-se grandemente disseminadas e constituem motivo de adorno em um sem número de residências.

Duas eram as côres mais comuns até há poucos anos atrás: a roxo-clara e a roxo-escura. A primeira é encontrada nas matas, sendo ainda possível vê-la na Noroeste e na Sorocabana em estado selvagem, onde chega a formar árvores. É tida como padrão de terra boa e é vulgarmente designada por *ceboleiro* (1).

A de côr roxo-escura, mais ornamental, enormemente difundida, é utilizada como sebe, para vedar terrenos.

Há alguns anos foi introduzida em São Paulo a de brácteas vermelhas. É bastante mais vistosa que as duas primeiras, e, por isso, teve uma aceitação muito grande, sendo atualmente uma das mais cultivadas. É variedade muito querida em Trinidad, Colômbia, Pôrto-Rico, etc.

Recentemente vem sendo também cultivada a de brácteas cuja côr se assemelha à do tijolo, o que lhe valeu ser chamada *primavera côr de tijolo*. Apresenta a desvantagem de florescer em uma única época do ano, tornando-se por isso menos decorativa.

Com grande novidade surgiu finalmente a *primavera branca*. Sendo rara em São Paulo e no Rio-de-Janeiro, valia um exemplar boa soma de dinheiro. Além do mais, apenas um reduzido número de pessoas a possuía, donde a grande dificuldade de sua dispersão.

Interessava-nos possuir uma planta que fôsse, para multiplicar e distribuir mudas. Sendo as primaveras grandemente decorativas, conseguir mais de uma côr seria, sem dúvida, dar possibilidades grandes de embelezamento para nossas casas e jardins. Por isso inqueríamos

sempre, para verificar se alguém a conhecia. Os resultados foram infrutíferos. Nunca a vimos, nem tivemos notícia de que alguém a conhecesse.

No entanto, um nosso conhecido, sr. Eduardo M. Hafers, parece que se impressionou com o caso.

Em outubro de 1937 recebemos dêste senhor uma carta, de Santos, onde reside, comunicando-nos que havia conseguido obter a primavera branca e que nos enviava um exemplar. De-fato, logo depois, recebíamos em Campinas uma muda da planta em aprêço.

Esta foi plantada em 13 de outubro de 1937, em local definitivo, próximo ao viveiro de café.

Histórico da introdução, em São Paulo, da primavera branca :

A Floricultura Taumaturgo, estabelecida na rua Frei Gaspar n.º 48, em Santos, adquiriu no município de Jequié, Estado da Baía, seis mudas de primavera branca. Ao vê-las, o sr. Eduardo M. Hafers comprou duas, das quais nos enviou uma. Esta foi por nós trazida para o Instituto Agronômico.

A distribuição das seis mudas, pela Floricultura de Santos, assim se processou :

| | | |
|--|---|----------|
| 1 muda para o Instituto Agronômico do Estado | — | Campinas |
| 1 muda para o sr. Eduardo M. Hafers | — | Santos |
| 1 muda para o sr. Jorge Borad | — | Santos |
| 1 muda para o sr. Germano Melchert de Castro | — | Santos |
| 2 mudas para a chácara Taumaturgo | — | Santos |

Segundo informou a Floricultura Taumaturgo, a primavera branca é nativa da Baía. Confirmam esta asserção os srs. Pedro Teixeira Mendes e Edgard Sant'Ana Normanha, nossos colegas, que a viram, em estado quase silvestre, desde os limites do Estado do Rio-de-Janeiro com o do Espírito-Santo, quando da viagem que realizaram ao Norte do País. Ocorre no Estado do Ceará.

Esta não foi, porém, a única introdução havida no Estado, pois que, quase simultaneamente com a vinda da planta para Campinas, tivemos conhecimento da existência de outra na fazenda Chapadão, também no município de Campinas. Temos também notícia de que a firma Dierberger & Cia. obteve um ou mais exemplares, mais ou menos na mesma ocasião.

Multiplicação : --- Iniciámos tão depressa quanto nos foi possível a multiplicação da primavera branca. Tivemos, a princípio, um pouco de dificuldade, porquanto só dispúnhamos de ramos muito novos, herbáceos, e que, quando usados para estaca em canteiros, ainda mesmo à sombra, secavam rapidamente e muito pequeno era o número de mudas "pegadas" que se conseguia. Passámos depois a trabalhar em estufins, debaixo de ripado, nos quais empregámos camadas de cascalho, de areia grossa e de areia fina, sucessivamente. Feita a estaquia em areia fina do estufim assim preparado, foi surpreendente o número de indivíduos que conseguimos, principalmente quando usámos estacas herbáceas.

Distribuámos mudas para um grande número de interessados, tendo enviado exemplares para as seguintes localidades do Estado : São Paulo, Piracicaba, Santos, São Carlos, Pindorama, Ribeirão-Preto, Amparo, Itapira, Tietê, Juquerí, etc.

Em 1939, o dr. S. C. Harland fez, por avião, remessa de uma muda para Trinidad. Nada sabemos dela, porém.

Nessa mesma ocasião, o sr. Kenneth A. Bartlett, técnico do Departamento de Agricultura dos Estados-Unidos, que se achava entre nós, nos pediu um exemplar. Obedecendo a suas instruções, fizemos a primeira remessa de estacas parafinadas, por avião. Essas estacas, conforme carta dirigida ao Instituto, não pegaram, pelo que oferecemos ao sr. Bartlett a remessa de muda pegada, assim que se nos deparasse uma ocasião propícia. A 5 de setembro de 1940, incumbíamos o sr. Otto Kriegel do despacho da muda prometida, além de nova remessa de estacas com as pontas parafinadas. A muda chegou em perfeito estado a San Juan, Pôrto-Rico, e, conforme carta recebida do sr. Claud. L. Horn, floresceu em Mayaguez, para onde foi transportada.

Identificação :—

Já em agosto de 1939, interessámo-nos pela identificação correta da primavera branca. Coletámos material botânico de várias procedências, a-fim-de estudar os nomes para as diversas variedades cultivadas, ou sejam, roxas, vermelha, côr de tijolo e branca. Enviámos, a 3 de agosto de 1939, espécimes do nosso herbário ao professor Bailey, a-fim-de ouvir sua abalizada opinião, uma vez que no seu recente manual (3) não encontramos referência à primavera branca.

O gênero *Bougainvillaea*, da família Nyctaginaceae, tem sido grafado, por vários autores, de diversas maneiras (4) : Buginvillaea, Bugainvillaea, Bugenvillaea, Buguinvillaea, Buginvillea, Buginvillia.

Teve o gênero um sinônimo brasileiro. Êsse foi o de *Josepha*, na Flora Fluminense do Frei J. Mariano da Conceição Veloso, 4, tab. 16 (7).

Diagnoses do gênero apareceram em Benthán & Hooker (5), em Choisy (4) e na Flora Brasiliensis (6).

As espécies reconhecidas como boas não são numerosas. Seriam 7-8, de acôrdo com Benthán & Hooker (5). Dentre estas espécies, *B. glabra* foi descrita por Choisy (3,6).

A primavera branca, a nosso ver, e de acôrdo com o parecer de Bailey, em carta que nos dirigiu, é uma nova variedade de *B. glabra* Choisy. É variedade baiana e, aparentemente, diferente de *B. virescens*, tal como foi tratada por Choisy (4). A variedade não se reproduz, que saibamos, pela semente, pelo menos na latitude de São Paulo, para onde foi trazida. Comporta-se, pois, diferentemente da variedade roxa escura, da qual vimos soberbos espécimes em Valinhos, obtidos post-semeadura.

Em Campinas, a primavera branca tem tido apenas uma época de florescimento anualmente. As flores aparecem em abril, e o período de florescimento dura uns dois meses. Nessa ocasião, a planta é excepcionalmente ornamental.

As fôlhas são dum belo verde-claro, lisas, e na época do florescimento são como que dominadas pela massa branca das brácteas. Os ramos herbáceos são de côr verde-clara, como as fôlhas. À maturidade, os ramos são de côr pardo-cinzenta, e exibem espinhos típicos, especialmente nas porções mais baixas. As brácteas (figs. 1, 5 e 8, a-c), vistosas, trazem o limbo branco e a nervura central colorida de verde-claro na página inferior. Freqüentemente as nervuras secundárias exibem essa mesma côr. Quando novas, as brácteas são esverdeadas. Pouco a pouco vão perdendo a clorofila, tornando-se brancas. Com a idade, as brácteas adquirem tonalidade amarelada. Em material de herbário êsses órgãos tomam coloração amarelo-suja.

As flores, em número de três, subtendidas pelas brácteas, são verdes, mesmo à maturidade (fig. 8,c). Seus detalhes se acham representados nas figuras 2 a 7.

Como a variedade difere de *B. glabra* Choisy (4), apenas pela côr branca das brácteas, propomos-lhe o nome *alba* n. var.

***Bougainvillea glabra* Choisy var. *alba* n. var.**

Varietas est *B. glabra* Choisy, ab ea distincta colore albo bractearum. Jequié. Baía. Brasiliae. Cult. Instit. Agron. Est. S. Paulo. Typus Herb. Sec. Bot., Inst. Agron., Campinas, Est. S. Paulo, n.º 4529, et Bailey's Hortorium, Ithaca, N. Y., Amer. Bor.

LITERATURA CITADA

1. Pereira, Huascar. **Em** Dicionário das plantas úteis do Estado de São Paulo. Publ. da Secret. Agr. Ind. e Com. do Est. S. Paulo, pág. 251, 1929.
2. Bailey, L. H. **Em** The Standard Cyclopedia of Horticulture vol. I, pág. 533, 1937.
3. Bailey, L. H. **Em** Manual of cultivated plants, pág. 254-255. The Mac-Millan Co. 1938.
4. Choisy, J. D. Nyctaginaceae. **Em** De Candolle, Prodrromus systematis naturalis regni vegetabilis, pars 13, pág. 424-458. 1849. (Ver pág. 436-38).
5. Benthán, G. et J. D. Hooker. **Em** Genera plantarum, vol. 3, pág. 7, Londres, 1883.
6. Schmidt, J. A. Phytolaccaceae et Nyctaginaceae. **Em** Martius, Flora Brasiliensis, vol 14, parte 2, pág. 325-376. 1867-1872. (Ver pág. 349-352).
7. Veloso, Frei J. Mariano da Conceição. **Em** Flora Fluminensis, vol. 4, tab. 16, 1827.
8. Decker, João S. **Em** Aspectos Biológicos da Flora Brasileira, págs. 36, 156. Rotermud & Co., S. Leopoldo, Rio-Grande-do-Sul. 1936.

Figura 1

Ramo florido de *Bougainvillea glabra* Choisy var. *alba* n. var., reduzido cêrca de dois terços do tamanho natural, para mostrar a disposição das partes vegetativas e florais. As fôlhas são de um belo verde-claro e glabras. Espinhos se desenvolvem à base dos ramos mais velhos.



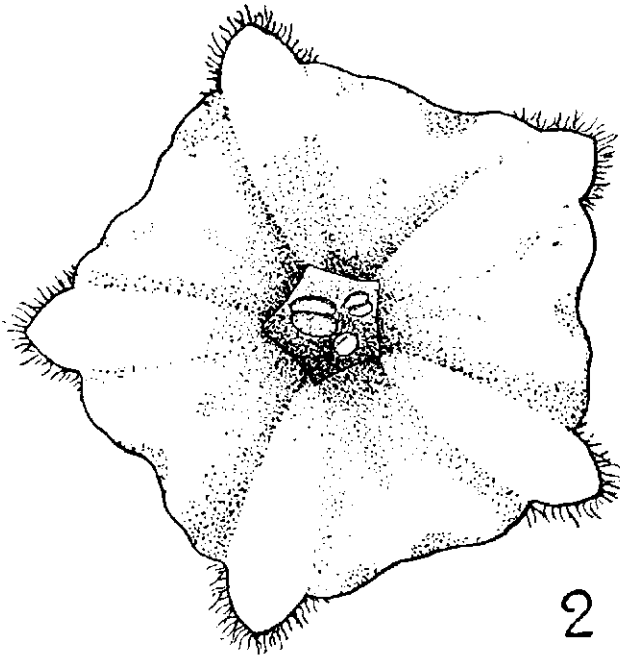
FIG. 1

Figura 1

Figuras 2 a 7

Bougainvillea glabra Choisy var. *alba* n. var.:

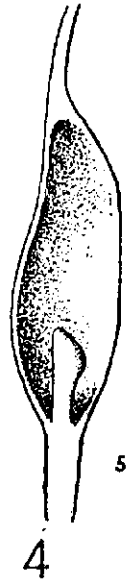
- 2 — Corola vista de tpo ;
- 3 — Um estame ;
- 4 — Parte inferior do ovário, cortado longitudinalmente ;
- 5 — Brctea e flor ;
- 6 — Flor cortada longitudinalmente, para mostrar os estames ;
- 7 — Ovário visto lateralmente, para mostrar detalhes do estigma.



2

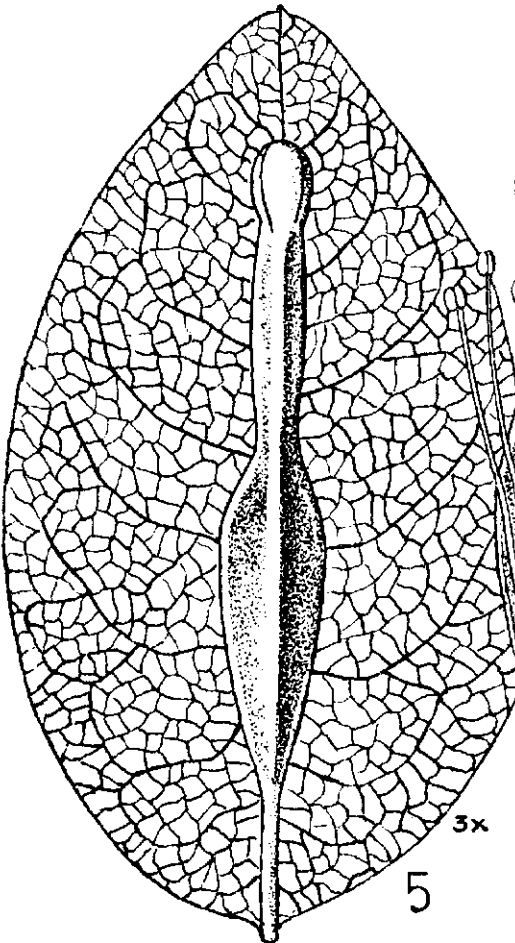


3



5x

4

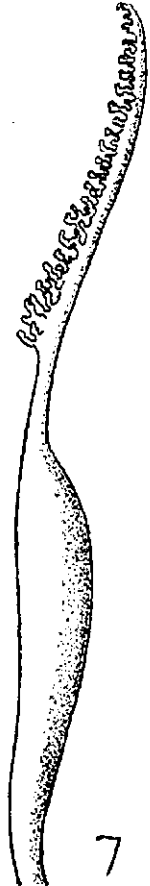


3x

5



6



7

J.C. Meades.

Figuras 2 a 7

Figura 8

Bougainvillea glabra Choisy var. *alba* n. var.

Inflorescências vistas do alto (a); de lado (b), com bráctea removida, e de perfil (c). Tamanho natural.



d) ALTO



b) DETALHE



c) PERFIL

J. C. Mendel

FIG. 8